

AS FUNÇÕES DO PRONOME “SE”: ENTRE OTHONIEL MOTTA E SAID ALI

Jarbas Vargas Nascimento¹
Wendell Lessa Vilela Xavier²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo examinar a polêmica travada entre Othoniel Motta e Said Ali, no início do século XX. Tomamos como objeto de estudo o documento *O Pronome SE*, opúsculo escrito por Othoniel Motta no qual ele apresenta oito razões que fundamentam sua tese sobre o pronome SE, contrapondo-se à posição defendida por Said Ali. Othoniel Motta e Said Ali são gramáticos do período histórico-lingüístico, considerado o período da “gramática científica”, caracterizado pela descrição e análise dos fatos da língua a partir, geralmente, de métodos funcionais, distribucional, gerativo e de valências. Esse período se caracterizou, mundialmente e em todas as ciências humanas, pela passagem do idealismo ao cientificismo, em que as ciências passaram por profundas transformações, especialmente na definição de seus objetos e métodos.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Lingüística; Gramática científica; Pronome.

ABSTRACT: This work has as the objective to give an examination in the controversy between Othoniel Motta and Said Ali, in the beginning of the XX century. We take as the object of study the document *O Pronome SE*, opuscle written by Othoniel Motta where he presents eight reasons that establish his thesis about the pronoun SE, opposing the position taken by Said Ali. Othoniel Motta and Said Ali are grammarians from the period historical-linguistic considered the period of the “scientific grammar”, characterized by the description and analysis of the language facts from, generally, functional methods, distributional, generative and of valences. This period is, worldly, characterized, and in all human sciences, by the passage from de idealism to the scientifism, when the sciences passes by deep transformations, especially in the definition of its objectives and methods. **KEYWORDS:** Linguistic historiography; scientific Grammar; Pronoun.

1. Introdução

Propomos apresentar, neste trabalho, a controvérsia entre os gramáticos Othoniel Motta² (1878-1951) e Said Ali (1861-1953), a partir da exposição descritiva do

¹ Doutor em Lingüística pela USP e Professor Titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ² Doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP. Professor das Faculdades do Instituto Superior de Educação Santo Agostinho, em Montes Claros-MG.

² Encontram-se, nas referências bibliográficas do autor, tanto a grafia Othoniel Motta quanto Otoniel Mota. Em casos de referências diretas a obras, mantemos a grafia correspondente ao trabalho em exame. ⁴ Esses dados biográficos foram utilizados de Robson da Boa Morte Garcez. *Origem da Igreja Cristã de São Paulo e a contribuição de alguns de seus membros para a formação da FFLCH/USP* – Uma expressão da

documento “O Pronome ‘Se’, de Othoniel Motta, como réplica ao professor Said Ali. Esse texto foi publicado, inicialmente, em 1905 (cuja segunda edição é de 1916), com o título *Ensaio Lingüístico*, contendo 52 páginas, após veiculação de um artigo escrito por Said Ali na revista *Educação Nacional*, tratando do emprego do pronome *Se* na língua portuguesa.

Othoniel Motta⁴ nasceu no dia 16 de abril de 1878, em Porto Feliz-SP e faleceu em 14 de agosto de 1951, em São Paulo-SP. Filho de José Rodrigues Pais e Bernardina Deoclécia de Mota Pais. Após ter recebido as primeiras instruções escolares em sua cidade natal, Othoniel Motta veio para São Paulo-SP, realizando seus estudos preparatórios do antigo Curso Anexo da Faculdade de Direito. Em 1896, ingressou no Seminário Presbiteriano, instituição em que concluiu o curso superior de Teologia, em 1896, sendo logo ordenado Ministro do Evangelho. Seu trabalho de pastor teve início em Santa Cruz do Rio Pardo (SP), passando por Jaú, Campinas e, finalmente, São Paulo, onde, durante vários anos, teve como cargo o pastoreio da Primeira Igreja Presbiteriana Independente. Foi professor no Seminário (Faculdade de Teologia) da igreja a que pertencia.

De sua grande influência no projeto lingüístico da gramática brasileira, destacam-se suas publicações teológicas nos órgãos da Imprensa Oficial Protestante do Brasil, como *O Estandarte*, *A Semana Evangélica*, *O Cooperador Cristão*, *Cristianismo*, revistas *A Reforma*, *Cultura Religiosa*, além de *Lucerna* e *Unitas*. Além de suas publicações teológicas, Othoniel Motta publicou ainda várias outras obras, das quais se destacam: *Ensaio lingüístico – Lições de português* (1918); *O meu idioma* (1918); *Algum riso, muito siso* (1918); *Comentário aos Lusíadas*;³⁴ *Comentários às Geórgicas*, de Virgílio; *Seleta moderna* (s/d); *Lirismo grego* (1934); *A Origem do lirismo português* (1936); *Horas filológicas* (1937); *A chave da língua – primeiras lições de gramática* (1930); *Do rancho ao palácio – Evolução da civilização paulista* (1941); *Através do Inventário* (1944); *O negro Tapanhuno* (1944); *Historietas* (1946); *Um pouco de folclore* (1946); *Cesário Mota – um estudo biográfico* (1946); *Livro de admissão*, escrito em parceria (1950). *O adorável bilhete ou a resposta à epístola a Filemon* (s/d); *O pronome “se”* (1905); *A evolução do gerúndio*; *Comentários ao livro de Atos dos Apóstolos*; *Evangelho de S. Mateus*; *Israel, sua terra e seu livro* (1930); *Questão filológica*.

Othoniel Motta ofereceu contribuição às Letras, ainda, encontrando tempo para realizar traduções para o idioma português, como os livros *Valor* (1946), *Temas espirituais para pequenos e grandes*, bem como *O amigo*, todos de Charles Wagner.

Liberdade Religiosa. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

³ Edição escolar publicada pela Editora Melhoramentos, provavelmente por volta de 1930. No prefácio da 4ª edição, o autor destaca seu propósito de publicar uma edição do clássico maior da Língua Portuguesa “que fosse commentada de tal forma que visasse, não os letrados, mas os escolares, e na qual o idioma português occupasse a atenção especial do comentarista”. Grafia original mantida.

De mesma escola científica, Said Ali⁵ nasceu em Petrópolis-RJ no dia 21 de outubro de 1861 e faleceu no dia 27 de maio de 1953. Considerado por muitos como o maior sintaxista da língua portuguesa. Filho de Said Ali Ida e Catarina Schiffler. Fez os seus estudos em Petrópolis-RJ e mudou-se para o Rio de Janeiro, capital, quando tinha catorze anos de idade para trabalhar na livraria Laemmert, onde depois lecionaria alemão na Escola Militar e no que viria a ser o Colégio Pedro II. Foi professor do poeta Manuel Bandeira. Lecionou ainda as seguintes disciplinas: alemão, francês, inglês e geografia. Interessava-se também pelas ciências naturais, especialmente Botânica e Entomologia, além de cultivar o desenho e se dedicar ao piano. Manteve ao longo da vida uma intelectualmente frutuosa amizade com o lingüista e historiador Capistrano de Abreu. No virar do século, casou-se com Gertrudes Gierling, de quem ficou viúvo em 1944.

No elenco de suas principais obras, estão: *Estudos de lingüística* (Revista Brasileira – 1895); *Prosa e Verso* (Novidades – 1887); *Versificação portuguesa* (1948); *Acentuação e versificação latinas* (1957); *Gramática Elementar da Língua Portuguesa* (1923); *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1923); *Gramática Histórica* (1931 – reúne *Lexicologia do Português Histórico* – 1921 –, e *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico* – 1923); *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1908; 2ª ed., 1919; 5ª ed., 1957); *Meios de Expressão e Alterações Semânticas* (1930); *Nova Grammatica Alleman* (1894).

Othoniel Motta e Said Ali são gramáticos do período histórico-lingüístico considerado o período da “gramática científica”, caracterizado pela descrição e análise dos fatos da língua a partir, geralmente, de métodos funcionais, distribucional, gerativo e de valências. Esse período se caracterizou, mundialmente, e em todas as ciências humanas, pela passagem do idealismo ao cientificismo, no qual as ciências passaram por profundas transformações, especialmente na definição de seus objetos e métodos.

A razão para tal mudança foi especialmente o nascimento do estatuto de ciência empreendido pelo positivismo de Comte, segundo o qual a metafísica era uma impossibilidade e a apreensão do conhecimento só era possível a partir dos fatos da experiência objetiva, de modo que são muito bem consideradas as relações de causa e efeito, puramente matemáticas.

Como afirmou T. S. Kuhn (2006, 116),

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações.

⁵ Esses dados biográficos foram retirados do Prefácio da Obra *Investigações Filológicas*, de Said Ali, escrito por Evanildo Bechara. Esta obra pode ser encontrada no endereço eletrônico: www.lucerna.com.br/downloads/8586930482.pdf.

Parece ter sido esta mesma a forma de mudança promovida pelas tendências historiográfica e lingüística a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Esse espírito científico e antimetafísico passou a dominar o funcionamento das ciências humanas. As investigações passaram a ser finitas, limitadas e relativas a um dado específico. Perdeu-se a noção da universalidade ontológica e exigiu-se do pesquisador uma postura objetiva, técnica e descritiva.

Nesse contexto, a Lingüística originou-se sistematicamente formalizada, preocupada em definir e categorizar os problemas da linguagem humana, classificados sob os auspícios da ciência que nascia. Este método influenciou e continua influenciando toda uma geração de estudiosos da linguagem e das línguas particulares.

Segundo Cavaliere (2000, 52), coube a Júlio Ribeiro inaugurar entre nós o uso do método histórico-comparativo, e científico, por assim dizer, cuja abordagem dos fatos da linguagem tornou-se descritiva e purificada da metalingüística. Cavaliere (op.cit., 54) afirma que *tal fato é absolutamente relevante se considerarmos que filólogos posteriores e igualmente afinados com as diretrizes da nova ciência lingüística que chegava da Europa nem sempre conseguiam desvencilhar-se do conceptismo herdado da tradição greco-latina.*

Com esse mesmo objetivo científico-descritivo, Othoniel Motta pretende rechaçar o argumento do “se” como sujeito, ao qual ele mesmo denomina de *estapafúrdia theoria, uma heresia grammatical*. (p.21), respondendo às teses de Said Ali.

2. A controvérsia de Othoniel Motta

Apresentaremos, daqui em diante, portanto, o opúsculo escrito por Othoniel Motta, no qual ele apresenta oito réplicas à teoria do pronome “se”, defendida por Said Ali. Faremos uma descrição objetiva, isto é, o mais fiel possível à posição assumida, sem interpolar comentários de novas tendências ou nossas próprias interpretações, a fim de permitir que o leitor se aprofunde no próprio argumento de Othoniel Motta e valide ou não suas considerações.

1. A teoria do “se” apassivante é um mito. Para Othoniel Motta, todas as autoridades lingüísticas em torno do mundo se *genuflexaram diante deste ídolo infantil*. (p.6). Dos ilustres, Othoniel Motta cita *Bopp, Diez, Meyer Lübke, Brugmann, Bréal, Chassang, Ayer, Darmsteter, Riemann, Morandi, Petrocchi, Bello, Moraes, Adolpho Coelho, Julio Ribeiro, em summa*, além de estudiosos da França, da Itália, da Espanha, de Portugal e do Brasil.

Em relação à teoria do pronome, ironicamente, Othoniel Motta afirma o seguinte: *Esses homens nos mostram que até nas línguas escandinavas (Bréal) e eslavas*

(Brugmann) o verbo activo com o reflexivo faz as vezes da passiva: só aqui, no português, é mytho! (p.6).

Ao final do tópico primeiro, o autor promete mostrar que o fato da passiva do se é impossível de ser negado na língua portuguesa.

2. e 3. Nas frases “Come-se pão”, “Comem-se pães”, “Pão” e “Pães” são objetos, não sujeitos do verbo “comer”.

Said Ali argumenta que o plural “Comem-se” é necessário para fazer a concordância com o plural do objeto “pães”. Diante dessa tese, Othoniel Motta contraria, afirmando ser “descabida e violenta” a hipótese da concordância formulada pelo professor.

O descabido da hipótese está no fato de que a passiva explica perfeitamente um e outro caso, sem ser preciso recorrer a nenhuma hipótese. É também violenta, porque não há no domínio árico – e em nenhum outro – um caso de falsa concordância com o objeto, a não ser nessa hipótese.

Othoniel Motta apresenta a tese de que as formas “come-se-o” e “vende-se-a”, por exemplo, são barbarismos não existentes nos clássicos. Para ele, a língua não aceita a construção porque é impossível (3) *logicamente encaixar um acusativo ao lado de outro, que é o reflexivo ‘se’*. (p.9).

Para fundamentar teoricamente sua tese, cita Rufino Cuervo: *Además, en el sentido impersonal, la tradicion sintáctica, a que el instinto popular es tan fiel, hacia sentir siempre un acusativo em el pronombre reflejo, y no fue possible introducir otro acusativo*. (p.9).

O deslize de Said Ali, portanto, está no fato de *querer à fina força fazer [o substantivo] objecto de uma voz activa, [sendo que ele] é o sujeito de uma voz passiva*. (p.9).

Diante do exemplo de Garção: *Queremos restaurar a eloqüência e não podemos sofrer que se exercite*, o sentido está suspenso, porque falta ao verbo *exercite* um objeto, se a voz é ativa, ou um sujeito, se é passiva. Neste caso, acrescentando uma forma pronominal, teríamos “que se exercite ela” ou “que ela seja exercitada”, mostrando, dessa maneira, que a forma *se-a* seria possível.

Entretanto, a tese proposta por Othoniel Motta é a de que Said Ali teria achado uma válvula para respirar. A questão é mais complexa. O problema está no fato de que *ela* seria, no exemplo dado, objeto e não sujeito. A razão disso é que *nas expressões verbaes com o pronome se só aparecem como objecto directo, necessariamente, fatalmente, os pronomes no caso nominativo, com exclusão systematica, irremediavel, absoluta, das fórmãs o e a, as unicas genuinamente accusativas e objectivas*. (p.10).

Para substanciar ainda mais sua tese, Othoniel Motta acrescenta outros dois exemplos, o primeiro de Frei Luiz de Sousa e o segundo de Padre A. Pereira:

- a) *... e sobre todas as virtudes accender nos corações dos súbditos um fogo ardente do divino amor, por meio da oração e contemplação, que são as escadas por onde **elle** se busca e traz do Céu. (p.9).*
- b) *Porque tanto o que pelejou, como o que ficou guardando a bagagem, terão igual parte na presa, e **ella** se dividirá igualmente. (p.9).*

Numa certa ironia, Othoniel Motta propõe assumir que ele (elle) e ela (ella) sejam objetos diretos para concordar, inicial e metodicamente, com a tese de Said Ali. Nesse caso, para Said Ali, ele e ela são objetos diretos. Entretanto, Othoniel Motta utiliza outras línguas para argumentar que o professor se equivocou novamente, sustentando-se numa teoria falsa.

Segundo Othoniel Motta, é necessário que se analisem outras línguas, pois *só os espiritos tacanhos e ignorantes isolam uma lingua do convivio de suas irmãs para lhe estudar os phenomenos. (p.10)*. Para reforçar sua tese, oferece três exemplos retirados do francês, do italiano e do espanhol:

- a) Ces modifications étant inévitables, qu'**elles** se fassent avec système.
- b) Cercate il Signore, mentre **egli** si trova.
- c) ... el mismo dia que **ella** se me quitó, me quitaran tambien uma bacía.

Nesses casos, elles, egli e ella são sujeitos e não objetos. Utiliza, ainda, outro exemplo do francês: *J'ai du bien, je suis jeune, et sors d'une maison **qui** se peut dire noble avec quelque raison, em que o **qui** é uma forma nominativa subjetiva e não acusativa (p.11).*

4. Mesmo estando claro o complemento regido de “per”, ainda a frase pode ser ativa.

Com essa tese, Said Ali contrariou o entendimento do gramático francês Bréal, segundo o qual o reflexivo *se* apassiva em certas expressões, como, por exemplo, em “Les grands poids **SE** transportent mieux par la voie maritime”. De acordo com Said Ali, é possível ver na frase tanto o sentido passivo – “Les grands poids sont transportés” – quanto o ativo – “On transporte les grands poids par la voie maritime”.

Entretanto, considerando “sophística e evasiva”, Othoniel Motta argumenta: *Vamos de vagar. Se o professor concede que a expressão pode ter um sentido passivo, com o complemento de causa eficiente claro, que razões, que lógica o impedirá de ver ainda um sentido passivo, quando o complemento estiver oculto? (p.12).*

De acordo com Othoniel Motta, portanto, o sentido é sempre passivo, e não ativo. Os exemplos são muitos e cita, dentre outros, Racine, Cervant e Gil Vicente, respectivamente, para ilustrar sua tese:

- a) “Tout *se fit* par les prêtres”
- b) “*Por mi se recibian* los criados”
- c) “Outra mais alta pastora
Anda na serra preciosa,
Imperatriz gloriosa, Principal,
minha Senhora. Esta *dos*
anjós se adora.

5. “Vendem-se casas” não corresponde a “Casas são vendidas”

Para Othoniel Motta, a explanação exposta acima, também defendida por Julio Ribeiro, atesta sua tese. A questão, em seu entendimento, pode ser esclarecida nos modos sintético e analítico do latim. Nesse caso, em exemplo extraído de Cícero, lemos: *Gallia est omnis divisa in partes tres*, no qual *divisa est* foi privilegiada em vez de *divitur*. A explicação de Othoniel Motta é que *divisa est* se refere a uma ação instantânea, feita uma vez no passado – como no perfeito grego – ao passo que *divitur* é uma ação vaga, realizável ou continuada. Nesse caso, *divitur* não seria passiva. O problema está no aspecto verbal e não na sintaxe de dependência entre sujeito e objeto.

Fundamentando ainda sua tese, apóia-se em Darmsteter, ao explicar o uso no francês: *A la voix passive, les transitifs se divisent em deux classes, suivant qu'ils expriment une action momentanée, comme battre, frapper manger, tuer, ou une action plus ou moins durable, come aimer, haïr, louer etc.* (p.14).

6. Nos verbos intransitivos, com mais forte razão, a substituição é impossível, porque os intransitivos não têm passiva.

De fato, os intransitivos não têm passiva, afirmavam os gramáticos, entre os quais estavam Said Ali. Todavia, Othoniel Motta entendia que ambas as classificações não são necessariamente dependentes uma da outra. Assim sendo esclarecido, por exemplo, com o *statur*, no latim, o qual não se pode decompor em *status est*, pois é intransitivo, mas nem por isso deixa de ser passivo.

Nessa discussão, Othoniel Motta contrariou também a tese de Américo de Moura que havia prescrito: *Estes (os factos) e o bom senso claramente nos mostram que é inteiramente vazio o nome de PASSIVO dado a verbos como itur, vivitur, etc. cujo sentido impessoal a sciencia da linguagem explica razoavelmente* (p.16). Segundo Othoniel Motta, Américo de Moura se apoiou em Brugmann e Riemann, mas o fez erradamente.

A perspectiva de Othoniel Motta está fundamentada em Diez, que afirmou: *Il faut – diz elle – distinguer deux cas. I. Expression impersonnelle. a) Avec des verbes transitifs: ital. si dice (dicitur), si é delto (dictum est)... b) Avec des verbes INTRANSITIFS: ital. si va (itur) etc.* (p.16).

Assim sendo, a questão sintática primordial é saber se *itur* é ou não passiva. Diez afirma que sim. Assevera que, em italiano, é possível transformar a passiva impessoal e pronominal *andasi* na correspondente *fu andato*. “L’impersonnel passif des verbes

NEUTRES est rendu em romain par l'actif: itur, vivitur, ital: si va, si vive. En italien toutefois l'impersonnel est souvent traité comme passif: da tutti FU ANDATO, ce que le français ne rendrait pas par il fut allé de tous" (p.18).

7. O fato de vir habitualmente posposto o substantivo ao verbo é prova de que ele é objeto, não sujeito.

Quando não há ambigüidade possível, a língua permite a anteposição do substantivo ao verbo. Por esse motivo, não se pode dar razão ao ponto defendido.

Othoniel Motta, nesta seção, cita alguns outros exemplos:

- a) "... inculcar os meios por onde **o amor** se conserve e se augmente a opinião" (D. Francisco Manoel).
- b) "... aquel **portillo** se guarde, aquella **puerta** se cierre, aquellas **escalas** se tranquen, ... trincéense las **calles** com colchones" (Cervantes).

Othoniel Motta justifica a teoria da posposição por uma necessidade de clareza – estilística, portanto – e não por uma questão puramente sintática. Assim, exemplifica: "Quando dizemos: 'O cavallo matou-se na carreira', entende-se, primeiro de tudo, que o cavallo, correndo, esbaforiu-se e morreu; ao contrario, quando dizemos: 'Matou-se o cavallo na carreira', a primeira idéa é que o cavallo ia correndo e alguém o matou. Isto é patente" (p.19).

Nesse caso, o critério do sentido prevalece sobre o critério puramente sintático ou mecânico de análise. No caso do francês, por exemplo, exceto quando o complemento atrai o verbo, a anteposição é o critério: "Les livres se lisent" (p.19).

E assim conclui: "Por esse caminho, tínhamos que dar como objectos os substantivos que habitualmente se pospõem aos verbos *aparecer*, *bastar*, *faltar*, e outros..." (p.19).

8. As expressões populares "Vende-se casas", "Ferra-se cavalos" mostram que o povo não considera sujeito os substantivos "casas" e "cavalos".

Segundo Othoniel Motta, esta é a objeção mais forte. Entretanto, só aparentemente.

Citando novamente Diez, argumenta o seguinte:

Diez nos ensina que na 'linguagem arcaica, ou popular', era tendencia geral dar um sujeito PLURAL a um verbo no singular, todas as vezes que o verbo PRECEDESSE o sujeito. Assim, o italiano: '*Vi mori molti Christiani*'; '*Ora cominciò in Roma divisioni molti*'; '*... soperchiava di um peccatore i piedi*' (Dante); o hespanhol: '*Legó grandes poderes*' (p.20).

Outra razão apresentada por Othoniel Motta é a “psicológica”. Afirma, citando Meyer Lübke: “O singular, diz elle, tem a preeminencia no espirito: fica estereotypado no verbo. Em seguida o espirito esbarra com o sujeito plural: não volta a desfazer o que está feito; prefere perpetrar um solecismo e chegar depressa ao fim proposto” (p.20).

Esta parece ser ainda hoje a razão da falta de concordância sintática no caso de “aluga-se casas”, por exemplo, fenômeno tão comumente percebido.

Continua ainda mais seu esclarecimento:

Quando a voz é passiva e se trata da acomodação do participio com o sujeito, a discrepancia é de genero, às vezes: visto que o masculino tem a primazia, eis que elle apparece no participio anteposto, quando o sujeito, posposto, é feminino: ‘É PROHIBIDO a entrada’, lemos constantemente por ahi fora.

A fim de objetar completamente a teoria do *se* com função de sujeito, Othoniel Motta apresenta ainda as razões de modo sucinto, a saber:

- a) O reflexivo *se*, chamado entre os estudantes de latim – rabo sem cabeça, é uma forma accusativa, não nominativa.
Para Othoniel Motta, este fenômeno acontece puramente por uma razão psicológica, de fazer o espírito humano depender uma coisa da outra, como causa e efeito. Entretanto, “semelhante usurpação só se dá quando a forma nominativa é *átônica*, como o *je*, e perde-se, por isso, na forma verbal ou não pôde sustentar-se, vibrando sozinha, no corpo do discurso; ao passo que a forma usurpadora é *tônica*, independente, realçada” (p.23).
- b) A teoria não analisa a expressão “Vendem-se ovos”, a não ser pela violenta hipótese de uma concordância com o objeto.
- c) É obrigada a conceder o sentido passivo à frase de Camões: “mar que dos feios phocas se navega”, o que é ceder o terreno ao adversário.
- d) Capitula ante as expressões: “Eu me chamo João”, “Elle baptizou-se alli”, “Vende-se ella”.
- e) O pretenso *se* sujeito recua e evapora-se ante os verbos reflexivos.
- f) Um simples possessivo escorraça-o do discurso.
- g) Produz disparates ideológicos de fazer arrepiar os cabelos. “O juízo do Senhor não se EXECUTA arbitrariamente” (Vieira). “Substitua-se o *se* por gente ou por qualquer outro indefinido, e digam se não resalta um absurdo e uma irreverencia” (p.25).
- h) Contradiz flagrantemente a história da língua. Na expressão “Sabe-se que o gatuno fugiu”, a cláusula “que o gatuno fugiu”, considerada sempre *sujeito* de uma voz *passiva*, passará a ser *objeto* de uma voz *ativa*.

Nesta profícua e acalorada discussão, Othoniel Motta encerra sua defesa ao *se* não-sujeito, apresentado as seguintes considerações:

Cumpre-nos declarar que esses barbarismos estão-se impondo na literatura hodierna, entre os rabiscadores que desconhecem o fundo puro da lingua. No hespanhol e no italiano também não é rara a combinação. Mas, lá como aqui, ella encontra uma tremenda opposição nos espiritos afeitos aos dizeres classicos (p.25).

Vaticina ainda: “Se uma tal syntaxe vingar na lingua portuguesa, teremos mais tarde uma fórma passiva impessoal apenas, com a morte fatal da construcção pessoal” (p.25).

Embora sem ter sido aluno de Said Ali, Evanildo Bechara (1985:254-256) tornou-se o seu mais eminente discípulo. Desenvolveu historicamente a perspectiva do uso do pronome “se”, focando-se na categoria de mudança da língua e apresenta sua contribuição para os estudos contemporâneos do “se” na língua portuguesa. Para ele, tal pronome exerce três funções sintáticas, a saber:

- a) Sujeito de infinitivo (com auxiliares causativos, mormente deixar): *Deixouse ficar à janela.*
- b) Objeto direto (com verbo transitivo direto na voz reflexiva): *Ele se feriu. Eles se cumprimentaram.*
- c) Objeto indireto (com verbo transitivo indireto na voz reflexiva, ou com verbo acompanhado de dois complementos): *Elas se correspondem freqüentemente. Ele se arroga esta liberdade.*

Ainda de acordo com Evanildo Bechara, a construção reflexiva teve como processo evolutivo o caminho *reflexivo* → *passivo* → *indeterminador*. Apresenta, ainda, cinco casos de uso do pronome “se”:

- a) **Pronome reflexivo, propriamente** – faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou: *O homem cortou-se.*
- b) **Pronome apassivador** – é o segundo estágio da evolução. Indica passividade e atividade: *Vendem-se casas.*
- c) **Pronome indeterminador do agente** – como em *Vendem-se casas*, o agente nunca se tornou expresso, então passou a se verificar a sua indeterminação: *Estuda-se.*
- d) **Pronome indeterminador do sujeito de verbos intransitivos** – Se em *Estuda-se*, não se oferece objeto ao verbo, o pronome passou a ocultar o possível agente de verbos intransitivos: *Dorme-se.*
- e) **Pronome indeterminador do sujeito de qualquer verbo** – como consequência, e por fim, o se passou a indeterminar o sujeito em qualquer verbo, por extensão: *Está-se bem aqui. Quando se é bom. Vende-se casas.*

⁷
Frita-se ovos.

3. Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1985.

CAVALIERE, Ricardo. **Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira**. Niterói: EDUFF, 2000.

GARCEZ, Robson do Boa Morte. **Origem da Igreja Cristã de São Paulo e a Contribuição de Alguns de seus Membros para a Formação da FFLCH/USP – Uma expressão da Liberdade Religiosa**. São Paulo: 2007. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MOTTA, Othoniel. **O Pronome “Se”**: réplica ao professor Said Ali. 2 ed. Campinas: Casa de Genou, 1916.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org.). **A Historiografia Lingüística: Rumos possíveis**. São Paulo: Pulsar, 2005.

REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SITE

BECHARA, Evanildo. Prefácio a ALI, Said. **Investigações Filológicas**. www.lucerna.com.br/downloads/8586930482.pdf (acesso em 28 de outubro de 2008).

⁷ Sobre esses dois últimos casos, E. Bechara afirma: “São frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requer *vendem-se, fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estádios diferentes de evolução” (p.256).